

## **SABERES INDÍGENAS EM CONTEXTO AMAZÔNICO: UM OLHAR SOBRE A INTER-RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS LINGUÍSTICAS, CONHECIMENTOS SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS E DIÁLOGOS COM SERES ESPIRITUAIS KOKAMA**

ELIZANGELA LOPES

Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil

LUZANIRA HILÁRIO DA SILVA

Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil

SHELTON LIMA DE SOUZA

Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil

---

**RESUMO:** Neste artigo, propomos uma discussão referente a saberes produzidos por anciões Kokama que são repassados a gerações posteriores. Em relação à proposta metodológica, a pesquisa-base deste artigo desenvolveu uma abordagem qualitativa, com estudo de caso, e realização de entrevistas com três anciões Kokama que são considerados produtores de conhecimento, promovendo inter-relações entre práticas linguísticas Kokama/português, com as plantas medicinais e com os seres espirituais com os quais pajés e benzedeiros dialogam. Por fim, os resultados do trabalho evidenciam a importância dos anciões para o povo Kokama, sobretudo ao que corresponde ao diálogo com as culturas colonizadas, produzindo novos sentidos para as práticas culturais Kokama.

**PALAVRAS-CHAVE:** Anciões Kokama; Saberes; Seres Espirituais; Plantas medicinais

---

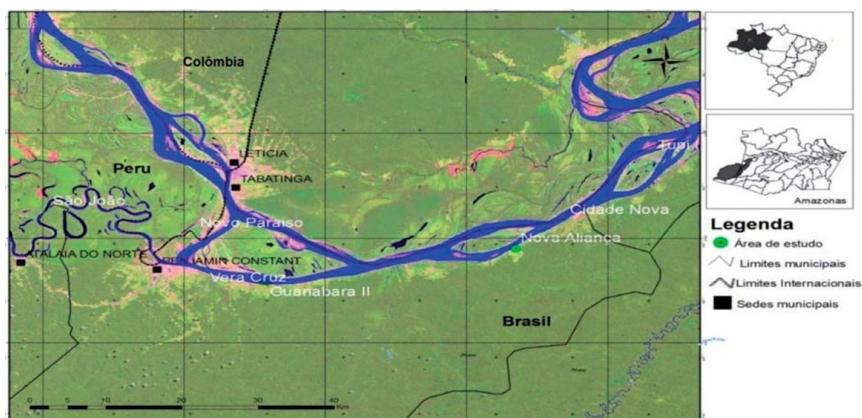
### **INTRODUÇÃO**

Neste texto, analisamos, a partir de relatos de anciões do povo Kokama, alguns traços de saberes existentes nos “arquivos vivos”, ou seja, entre indígenas anciões do povo Kokama, que são considerados os sábios do povo, compreendidos como “bibliotecas vivas”, que ressignificam seus saberes advindos de memórias concernentes às suas ancestralidades que fazem sujeitas e sujeitos Kokama se inserirem em mundos cósmicos, para (re)viver e compreender o presente. Para a construção da cosmologia Kokama, a língua era fundamental para a construção de sentidos sobre os mundos desse povo, contudo ela foi proibida pelos colonizadores. Essa proibição acarretou desusos da língua Kokama, fazendo com que a maioria dos Kokama se fizessem monolíngues em português. Apesar desse monolingüismo aparente, os anciões Kokama produzem suas sociabilidades por meio de práticas linguísticas, possibilitando que professores Kokama retomem estudos linguísticos nas escolas da comunidade, além de seguirem produzindo saberes que os anciões conhecem por meio de suas memórias. Um desses conhecimentos é o uso das plantas para tratamento medicinal das comunidades Kokama.

Desse modo, em se tratando de questões metodológicas, a pesquisa-base deste artigo segue uma abordagem qualitativa com estudo de caso realizado nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2023 na cidade de Benjamin Constant/Amazonas. Na ocasião, foram discutidas especificidades culturais Kokama por meio de práticas linguísticas desenvolvidas em entrevistas e rodas de conversa com os anciões Manoel Auanare Falcão, Aquiles Auanare de Assis e Segundo Mosquera Alvarez na comunidade indígena Kokama Nova Aliança, localizada na cidade outrora mencionada.

Na Figura 1, a seguir, é possível identificar a localização da comunidade indígena mencionada e na Figura 2, apresenta-se um registro de satélite da comunidade, disponível no Google Maps:

**Figura 1** – Mapa de localização da Comunidade Kokama Nova Aliança, Benjamin Constant/AM



**Figura 2**– Comunidade Kokama Nova Aliança



Fonte: Google Maps

LOPES, E., SILVA da L. H., SOUZA, S. L. de.

Nesse sentido, apresentaremos, ao longo deste trabalho, como os Kokama estão construindo sentidos, por meio de práticas linguísticas, produzidos por anciões, no que se refere a conhecimentos sobre plantas e a diálogos com seres espirituais, após traços históricos marcados por invisibilização do povo e dos seus saberes, em que pessoas Kokama foram excluídas de várias práticas que não as permitiram ser incluídas em processos de colonização (Bispo, 2023). Desse modo, a partir de reuniões realizadas com anciões e lideranças Kokama, estão sendo desenvolvidas oficinas em que aspectos históricos dos Kokama são retomados, bem como o estudo linguístico-cultural das comunidades que congregam as sociedades do povo em tela.

### **OS SABERES ANCESTRAIS NOS “ARQUIVOS VIVOS” E “NAS BIBLIOTECAS VIVAS” DO Povo KOKAMA**

Para quem é pesquisadora ou pesquisador indígena ou não indígena (sendo esse aquele que se preocupa em refletir sobre as temáticas referentes aos povos indígenas), as expressões “arquivos vivos” e “bibliotecas vivas” são comuns para registrar politicamente a importância das pessoas anciãs nas comunidades indígenas. Elas são consideradas os produtores de memórias, que ao recontarem histórias, possibilitam que novas gerações construam sentidos sobre essas narrativas, criando traços identitários, resultando em ações de pertencimento social.

O uso das expressões “arquivos vivos” e “bibliotecas vivas” não são incomuns entre professores Kokama, o que reforça a importância de se discutir narrativas produzidas por anciões Kokama em escolas do povo<sup>1</sup>, além de reflexões sobre usos linguísticos contemporâneos da/sobre a língua Kokama.

Para os Kokama, os fatos históricos são fundamentais para se entender as características culturais de seu povo, sejam elas passadas ou contemporâneas. Por isso, neste trabalho, não podemos deixar de ressaltar alguns fatos históricos que nos levaram a fazer reflexões, como, por exemplo, discutir a inserção dos povos indígenas, mais particularmente dos Kokama, nas sociedades não indígenas resultantes de processos de colonização. Essa mesma reflexão vem ocorrendo com pesquisadores indígenas em torno de suas práticas socio-culturais-históricas<sup>2</sup> (Shanenawa, 2022, Souza; Shanenawa, 2024, Shanenawa, Barbosa; Shanenawa; Souza, 2024) e, também, em relação a práticas linguístico-pedagógicas desenvolvidas em escolas indígenas (Shanenawa, 2024, Shanenawa; Souza, 2024).

A nosso ver, ao adentrar em uma sociedade que não é nossa, a primeira coisa que temos de aprender é a língua das pessoas com quem vamos dialogar, tendo em vista que as práticas sociais são intermediadas pela linguagem (Costa; Vargas; Souza, 2022). Desse modo, não é possível produzir existências em sociedades, cuja língua seja incompreensível pelas pessoas que estão nos processos de interação. Ou seja, o desconhecimento linguístico pode promover diferentes formas de exclusão social (Vargas; Souza, 2021).

No entendimento da importância dos estudos e de políticas de valorização linguística, Rodrigues (1992) afirma que as línguas não são meramente instrumentos de comunicação, pois são também: “os meios de que dispõem os seres humanos para elaborar, codificar e conservar seu conhecimento do mundo. Cada língua está intimamente ligada aos processos cognitivos e à experiência acumulada pelo povo que fala através de sucessivas gerações”(Rodrigues, 1992, p. 3).

A contribuição de Rodrigues para o debate sobre a importância dos estudos linguísticos está em consonância com as discussões promulgadas por professores Kokama, que consideram que viver no Brasil sem saber português (sobretudo em sua variedade escrita) é impossível – corroborando o olhar de pesquisadores indígenas como Edson Kayapó em Pesca, Fernandes e Kayapó (2020).

Contudo não saber a língua que era utilizada para a produção de conhecimentos ao longo da história dos Kokama também é um retrocesso que impede a existência dos Kokama como um povo independente e que tem suas necessidades específicas. Nessa perspectiva, fazer a retomada de reflexões sobre o uso da língua Kokama, com base nos “arquivos vivos” e “nas bibliotecas vivas” é um elemento importante para a construção de identidades Kokama imersas em sociedades não indígenas que, compulsoriamente, exigem a aprendizagem da língua majoritária, o português (Maher,2005), conforme é possível constatar neste excerto do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas:

As relações socioeconómicas têm relevado aos grupos indígenas a necessidade de aprender a língua majoritária do país. Tornou-se necessário saber essa língua para compreender as normas do mercado de consumo, as relações de trabalho, as regras de escoamento de produção e as negociações de forma geral, diminuindo, dessa maneira, o desequilíbrio que se verifica, nessas situações, pelo pouco domínio da língua oficial. (RCNEI, 2002, p.121).

Como indica o RCNEI (2022), o uso do português e, portanto, a sua aprendizagem que leva à ideia de seu ensino para os povos indígenas é fundamental para, dentre outras construções de sociabilidades, entender traços econômicos oriundos de sociedades de consumo como a brasileira. Em relação à produção de formas de comunicação, para Rodrigues (1992, p. 5), a compreensão das línguas é condição para a efetivação das diferentes formas de comunicação: “Quanto ao aspecto comunicativo, basta lembrar que, além de instrumento básico de enculturação, isto é, de aquisição da cultura de cada comunidade humana, a língua também é o principal veículo de comunicação entre os elementos dessa comunidade [...]”.

As políticas integracionistas pelos quais passaram os povos indígenas no Brasil (Munduruku, 2012) promoveram a incorporação – que não se pode chamar de inclusão, conforme já comentado, neste artigo, a partir de Bispo (2023) – de povos indígenas à sociedade brasileira, sem levar em consideração, o que é característico de políticas desse tipo, as especificidades linguísticas, culturais, sociais e históricas dos povos indígenas, como explicita o trecho abaixo:

Para a política assimilação, as línguas e culturas indígenas eram vistas como obstáculos que deveriam ser eliminados a fim de que o indígena pudesse ser mais facilmente assimilado e, alienado, servir de mão de obra barata. A educação escolar para os povos indígenas brasileiros desempenhou um importante papel nesse processo desde a época da colonização, como parte das políticas

governamentais para os povos indígenas, no caso das línguas, de “bilinguismo substrutivo”. A obrigatoriedade do ensino fundamental em Português somente foi, durante muito tempo, desastrosa para os povos indígenas. Outra razão apontada para a perda das línguas é a globalização (Krauss, 1996; Ávila, 1999), com seu poder de homogeneizar e tornar igual o que é diferente, de anular a alteridade (Braggio, 2003, p. 116).

Os Kokama, nesse caso, tiveram de se modelar à sociedade vigente para serem reconhecidos como “cidadãos de bem”, como “gente”, que lhes obrigaram a reconstruir traços culturais na tentativa de promover negociações culturais (Bhabha, 1998) para se manterem vivos e, assim, poderem dizer atualmente que são Kokama e que possuem histórias e produzem identidades.

No caso da relação com a sua língua originária e o português, os processos de educação linguística com base em modelos assimilaçãoistas consideravam a língua Kokama como um obstáculo para a aprendizagem em português, o que promoveu o ensino somente dessa língua nas escolas das comunidades Kokama e nos espaços urbanizados em que havia estudantes desse povo.

Dessa forma, a diversidade de línguas existentes no Brasil, e mais contundentemente nas terras indígenas e, por extensão, nas comunidades Kokama foi se enfraquecendo, à medida que as línguas indígenas deixavam de ser faladas. Nesse ponto, sociedades não indígenas não tiveram a oportunidade de conhecer histórias, filosofias, culturas, modos de vidas e políticas nas línguas indígenas e, particularmente, na língua Kokama.

Os discursos monolíngues no Brasil impediram e ainda impedem a produção de práticas educacionais plurilíngues (Lima; Souza; Souza, 2023). Entender que o Brasil é um país plurilíngue possibilitaria a promoção de visibilização de identidades plurais. Contudo, os discursos monolíngues estão lado a lado com discursos consumistas que promovem a invasão de terras indígenas e, consequentemente, impedem os saberes que poderiam ser construídos nesses espaços com base nas línguas originárias que eram utilizadas nas sociabilidades indígenas.

Defendemos a ideia de que as memórias dos anciãos podem ser usadas como estratégias dos povos indígenas para se pensar em produções pedagógicas que auxiliem as práticas de ensino e aprendizagem de línguas e culturas indígenas, tendo em vista que, conforme Braggio afirma (2003, p. 116) afirma: “Nesse processo de perda, a língua vai ficando restrita a alguns falantes, geralmente os das gerações mais velhas”, o que se faz importante odiálogo entre anciãos e gerações mais contemporâneas, considerando que as comunidades indígenas se constituem, também, por memórias ancestrais (Krenak, 2019).

Dessa forma, consideramos que os processos assimilaçãoistas são resultados de intervenções colonizatórias que podem levar à ressignificação de produções culturais que se constituirão em formas de (re)existência linguística (Souza; Kaxinawa, 2019, Kaxinawa; Souza, 2020).

Com a construção de propostas de reflexões em relação aos usos linguísticos nas comunidades, os indígenas produzem formas de enfrentamento das políticas integracionistas, além de desenvolver novos significados sobre suas produções culturais e inserções nos contextos de políticas que invisibilizam culturas indígenas por meio de

projetos de colonização.

### A PRODUÇÃO DE SABERES KOKAMA: PLANTAS E PAJELANÇA

Entre os Kokama, o diálogo com a natureza era produzido por intermédio da língua Kokama, principalmente quando se tratava da construção de saberes em diálogos com pajés, *payun* na língua Kokama, que promoviam diálogos com a natureza e com seres pertencentes da cosmologia Kokama. Para essas práticas linguístico-culturais, exigia-se o conhecimento da língua, considerando que sem ela não se obtinha acesso às existências do povo.

Nesse sentido, durante os processos colonizatórios, o não uso da língua Kokama se tornou um grande problema para a existência do povo, forçando-o a desenvolver novos significados sobre as suas produções culturais, além de promover diálogos com a sociedade envolvente. Desse modo, podemos afirmar que os Kokama utilizam as memórias dos anciões que ainda têm conhecimento da língua Kokama e se utilizam do conhecimento que têm do português para, por meio dessa língua, e das memórias dos anciões, construírem saberes que visam à promoção de identidades Kokama na contemporaneidade.

A partir das entrevistas concedidas pelos anciões Kokama, começamos a entender que o povo era guiado pelos pajés, considerados líderes, tendo em vista que eram os responsáveis para promover a conexão dos seres cosmológicos Kokama com as sujeitas e com os sujeitos Kokama. Nesse contexto, os pajés já obtinham uma visão do passado e do futuro no diálogo tecido com seres ancestrais, ou seja, anciões Kokama falecidos. Essa questão tem relação com o que explica Kopenawa em relação ao xamanismo Yanomami: "Antigamente, nossos maiores não ficavam se perguntando 'será que os brancos existem?'. Como eu disse, seus xamãs já faziam descer a imagem dos ancestrais desses forasteiros muitos antes de seus filhos chegarem até nós (Kopenawa; Albert, 2015, p. 253).

Assim, a partir da conexão entre pajés e seres cosmológicos não terrenos, que eram produzidos os (des)entendimentos existentes nas sociabilidades Kokama. Os diversos conhecimentos sobre as plantas medicinais que os Kokama possuem até os dias atuais são oriundos dessas conexões, feitos ou dirigidos na língua kokama e que agora estão sendo produzidos, também, em língua portuguesa. Nesse sentido, toda a sabedoria para a sobrevivência do coletivo, sobrevem da sintonia com os seres ancestrais cosmológicos, que se conectam com os pajés por meio de sonhos, de revelações e da presença em imagem desse ser face a face com os seus escolhidos, a partir do uso da ayahuasca que, segundo o ancião Kokama Manoel Auanare Falcão era uma bebida comum para as pessoas de seu povo<sup>3</sup>:

A ayahuasca sempre foi uma planta medicinal consumida em forma de bebida, muito usada pelos Kokama. Para nós significa como uma planta da revelação, para ter várias descobertas de doenças e outros fins também.

Além da Ayahuasca, a planta denominada Toé foi uma das utilizadas para a produção de conhecimento Kokama, conforme explica Manoel Auanare Falcão:

LOPES, E., SILVA da L. H., SOUZA, S. L. de.

O toé também, como posso dizer é uma das plantas que traz revelação, porque se manifesta para nós através do sonho, nos revelando, dando resposta no que perguntamos, no momento que estamos fumando ela. Essa plantinha é muito conhecida como balão, era sempre usada na época no fumo de suas folhas, para nós ter uma resposta daquilo que estamos precisando, isso também feito respeitando todo o seu ritual, preparação, não é feito de qualquer jeito não, é somente com orientação de quem tem esse conhecimento na área espiritual. Usar a folha do toé, sem conhecimento, pode gerar coisas muito grave a saúde da pessoa, por isso não é aconselhável usar de qualquer forma, toda planta, principalmente a que tem seu mistério, espírito da cura, precisamos usar respeitando e sabendo do significado dela e do que é capaz de fazer com você.

O Toé é uma planta cultivada atualmente em territórios Kokama que pode ser vista na frente das casas, sendo, dessa forma, muito respeitada pelos Kokama. Segue-se, na Figura 3, um registro da planta Toé:

**Figura 3- A planta Toé**



Fonte: Registro realizado por Elizângela Lopes

De acordo com o ancião Manoel Auanare Falcão, no passado dos Kokama<sup>4</sup>, não havia médicos com conhecimentos científicos como na atualidade, fazendo com que a consulta sobre causas e prevenções contra doenças, bem como o tratamento para sanar malefícios ao corpo fosse realizado por meio de plantas e dos contatos produzidos por seres cosmológicos não terrenos, que também indicam qual vegetal deveria ser enterrado para tratar determinado problema. O ancião Manoel Auanare Falcão descreve, mais especificamente, as diferenças entre tipos da planta Toé:

O toé roxo é que possui a flor roxa, considerada como a de espírito forte, feiticeiro. O toé branco é que possui a flor branca, parecido como um balão, esse é o que se usa para fumar, considerado de espírito bom, forte também, amigo, que te ajuda quando pede resposta de algo. Essas plantinhas também servem para cuidar de

casa, quando o dono sai, ela vigia, quando alguém quer entrar, ela se manifesta através de vultos, barulhos, impedindo a entrada de outras pessoas, quando a casa está calada, sem o dono, então para nós, é como um guarda da nossa casa.

Como é possível observar, Manoel, além de relacionar a planta Toé a questões de saúde, faz menção à proteção que a planta fornece aos Kokama e aos bens pertencentes a eles, mostrando que os elementos da natureza apenas beneficiam a saúde dos indígenas, bem como seus bens materiais também.

Todas as plantas e árvores medicinais são muitos consumidas pelos Kokama, inclusive na atualidade, tendo em vista que os anciões explicam às gerações mais novas como usar a planta e, além disso, os professores Kokama levam esses conhecimentos para a sala de aula para ensinar aos estudantes como podem utilizar elementos da natureza para prevenir e cuidar de malefícios.

Por isso, o conhecimento ancião Kokama é considerado fundamental para as práticas pedagógicas das escolas nas comunidades do povo em tela. Além disso, os professores ensinam que é de suma importância o respeito à natureza, pois além dos mistérios que a cercam, o desconhecimento sobre o saber oriundo de plantas e dos animais pode provocar grandes problemas, como explica Manoel em relação à planta aninga: *“a aninga é uma planta que não devemos urinar sobre ela, pois podemos adquirir uma dor na urina, como já aconteceu com muitos que duvidaram”*. Além da aninga, Manoel descreveu a sua experiência com o consumo do sumo da raiz da planta sanango, que, na época em que era adolescente, os jovens tomavam-no para não ter indisposição no trabalho, para ser esperto, ágil e não apresentar “frio no corpo”, além de ter força para enfrentar a pescaria à noite, na chuva e para conseguir realizar caçadas e outros trabalhos desenvolvidos pelos homens Kokama. O sumo do sanango para ser ingerido exige uma dieta rigorosa, como podemos visualizar na explicação de Segundo Mosquera Alvarez, que fez questão de destacar que sofreu um dano por não ter cumprido a dieta necessária para tomar a bebida oriunda do sanango:

O sanango é um bom remédio também, ela é feita do sumo da raiz, se toma bem de manhãzinha uma pequena cuinha cheia, fica de resguardo, de dieta uns quinze dias, sem comer com sal, por isso quando tomamos, entramos logo para o mato, para resguardar, para não comer doce nem sal. Eu tomei e não dietei os dias que me deram, lá no mato, encontrei uma turma de gente fazendo ajurí, nas roças deles, então eu com fome, tomei a caiçuma que me deram e fiquei cheio de pintas, como pode ver no meu braço [Segundo Mosquera Alvarez mostra as pintas do braço], até o dia de hoje.

Na Figura 4, a seguir observamos o momento em que Manoel mostra as manchas no braço para comprovar a sua afirmação de que ele descumpriu uma dieta a ser feita para tomar o sanango:

**Figura 4–** Braço de Mosquera Alvarez



**Fonte:** Elizângela Lopes (2024).

Importante destacar que não eram todas as pessoas Kokama que tinham conhecimento sobre as plantas, bem como nem todos os sujeitos poderiam preparar as bebidas com base no conhecimento vegetal. O conhecimento e a preparação das plantas para a produção de medicina indígena, por exemplo, eram destinados aos pajés.

O piri-piri também é uma planta considerada misteriosa pelos anciãos Kokama, pois além de possuir diversas qualidades, o seu uso tem restrições, como explica Manoel:

Devemos ter muito conhecimento com essa planta, por que são várias, umas são mau e outras são boas. Essas plantas nos ajudam a se tornar bons caçadores, pescadores e na parte de cura, nos ajuda a se tornar bons sovadores, para tratar da enfermidade do doente. Essa planta surge de uma ave, chamada Carapirá, quando matamos, enterramos logo, depois de vários dias, brolha a planta piri-piri. Ela nasce de vários tipos, mas quem trabalha com ela precisa ter conhecimento, porque ela nasce toda misturada, tendo o do bem e o do mau, não são todas que são boas, por isso tem que se conhecer, senão você pode se dar mal.

De acordo com Manoel, para utilizar a planta piri-pirí é preciso passar por um ritual com um pajé que instruirá o sujeito em como o remédio oriundo da planta deve ser usado. Para seu Manoel, os homens que se curam com o remédio da planta mencionada, passando a erva piripiri específica pelos braços e mãos, tornam-se bons sovadores, além de conseguirem desenvolver, por meio das mãos, técnicas de massagem que podem sanar doenças corporais. Além disso, o ancião Kokama explicou que as plantas têm uma mãe ou um dono que é como uma “personalidade”, localizada no nível da espécie, que monitora ao mesmo tempo cada indivíduo. Por isso, é preciso desenvolver o diálogo com as plantas para que seus donos possam manter a conexão com o trabalho do pajé, para que haja uma boa transmissão ou relacionamento de ambos, pois são nesses momentos, que os donos dessas árvores ou plantas revelam e transmitem seus saberes, o que caracteriza o silêncio como um elemento importante das culturas Kokama, sobretudo no que se refere a diálogos cósmicos, cujas línguas são remetidas a estados sobrenaturais para as práticas de conexão entre pajés e seres

cosmológicos Kokama não terrenos.

### **Pajelança e a relação dos Kokama com as plantas medicinais**

O sacaqueiro ou sacaca é um tipo de pajé Kokama que possui conhecimento amplo sobre a diversidade de espíritos das plantas, executando conexões com diversos seres cosmológicos Kokama não humanos<sup>5</sup> existentes no espaço e na água e com os seres encantados. De acordo o ancião Aquiles Auanare Falcão:

Posso dizer que o sacaqueiro é um mestre, conhecedor de tudo, muito temido também por todos, por que ele possui o conhecimento do bem e do mal, ambos está nas mãos dele. Por isso, muitos consideram de bruxos, bichos e outras coisas mais.

O sacaqueiro possui mais conhecimento que outros pajés, tendo em vista que esses têm conhecimento mais restrito, se limitando a dialogarem com seres da terra ou das águas. O sacaqueiro, por sua vez, tem conhecimento amplo sobre todos os ambientes em que os Kokama circulam. Para o ancião Aquiles, o pajé entre os Kokama é um ser que: *“cuidava dos doentes, tinha muito conhecimento e fé, para tudo dá certo a pessoa sair curada”*; Aquiles e diferencia o pajé do benzedor<sup>6</sup> que, segundo ele, cura enfermidades simples, como uma dor de cabeça, espanto ou susto, agrados a espíritos bons e a espíritos maus para sanar doenças com crianças pequenas, por exemplo.

Para Aquiles, o benzedor é: *“uma pessoa muito importante para auxiliar doentes de modo geral na comunidade, nas questões de cura de doenças que não é para o médico”*.

Assim como os anciões mostraram os diálogos tecidos entre pajés, as plantas e os seres cosmológicos Kokamas não humanos, Aquiles Auanare de Assis afirma que os animais e os Kokama possuem relações intrínsecas que os fazem serem dependentes uns dos outros, salientando que essa possibilidade metamórfica é apenas destinada a algumas pessoas que serão escolhidas pelos seres encantados:

Sabemos também, que aqui existem pessoas que se transformam em animais, isso já foi visto, por pessoas que foram caçar. No mato, no momento da espera da caça, se avistou um animal, quando se aproximou era um morador daqui. Então, essas coisas existem ainda aqui, mesmo que seja no escondido como um segredo, mas tem. Aqui também nós conhecemos um tipo de parirí baixinho, um tipo de planta que transforma pessoas em animais, ele tem sua magia também.

Além do que Aquiles comentou, para Manoel há pajés Kokama que possuem conexões com os encantos das águas, por meio de uma pequena pedra do encanto, que servia de portal para dialogar com os seres das águas:

LOPES, E., SILVA da L. H., SOUZA, S. L. de.

Esses também eram os escolhidos, como um dom, chamados por esses seres sobrenaturais, pois eram eles que escolhiam as pessoas para manter essas conexões. Nem todos eram queridos por esses seres, somente as pessoas de bom coração, que não possuíam maldade, egoísmo. Então esses espíritos também avaliam as pessoas.

Para Aquiles e para Manoel, os seres espirituais/encantados estão em todos os lugares, observando as pessoas, avaliando a vida de cada um, da mesma forma que os seres humanos avaliam e refletem sobre as atitudes de seus semelhantes. Manoel explica como ocorrem os primeiros contatos dos Kokamas com os seres espirituais/encantados:

Os seus primeiros encontros são dados ou revelados através de sonhos, a partir desses contatos que eles se manifestavam às pessoas escolhidas, pois esses seres são espíritos, não podemos pegar nem ver, mas eles podem nos ver e tocar.

Manoel indica que os diálogos entre humanos e não humanos ocorrem nos sonhos, o que é referendado pelo depoimento do ancião Segundo Mosquera Alvarez que descreveu como ocorreram os seus primeiros encontros com seres espirituais:

Eu estava dormindo, em baixo de uma árvore de apuí lá na minha roça e veio no meu sonho, nesse momento, uma velhinha, ela veio direto conversar comigo, veio bem claro, como se eu estivesse acordado. Ela me ensinou que essa árvore servia para remédios e curar muitas enfermidades. Então me acordei logo e não consegui ouvir mais o que ela ia me passar mais. Mais sei que ela era a mãe do Apuí, por que era em baixo dessa árvore que eu estava dormindo. O remédio que ela ensinou, eu fizem casa e deu certo. Então, é assim que esses seres se manifestam com nós, isso digo por que aconteceu comigo.

Para Segundo Alvarez, a senhora que se apresentou diante dele é a mãe da planta, no caso do apuí, que se materializou para lhe explicar os benefícios da planta. O depoimento de Segundo dialoga com as afirmações de Manoel e de Aquiles no tocante aos seres espirituais escolherem algumas pessoas Kokama para traçar diálogos e, por conseguinte, essas pessoas poderem ajudar a outros indivíduos necessitados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os anciões Kokama são vistos como o elo entre as ancestralidades, tendo em vista que eles carregam as memórias consideradas importantes para a comunidade, e as gerações de indígenas Kokama que, devido a políticas colonizadoras e, por conseguinte, assimilaçãoistas não possuem mais os conhecimentos concernentes às práticas linguísticas com a língua Kokama, às plantas medicinais e às formas de diálogos com seres espirituais.

Nesse sentido, mesmo que os anciões Kokama também tenham sofrido com as imposições advindas de processos colonizatórios, são eles que produzem narrativas, por meio de memórias, sobre produções culturais Kokama, dando sentidos a essas narrativas em diálogo com a contemporaneidade.

Para professores Kokama, são os anciões os responsáveis pela disseminação dos conhecimentos do povo e, por isso, a presença deles na escola é fundamental para que as gerações seguintes possam construir sentidos linguístico-culturais que congreguem os saberes do povo.

A partir dos relatos dos anciões Manoel Auanare Falcão, Aquiles Auanare de Assis e Segundo Mosquera Alvarez apresentamos traços culturais do povo Kokama e compreendemos que há formas de aprendizados desenvolvidos pelo povo oriundas de características da espiritualidade que as sujeitas e os sujeitos Kokama desenvolveram por intermédio dos pajés, sacaqueiros/sacaca, bezendeiros e outros tipos de pessoas responsáveis pelas práticas espirituais e os seres não humanos, espirituais ou encantados.

Dessa forma, devido ao contato com o colonizador e, por conseguinte, com as políticas assimilacionistas produzidas no Brasil, os conhecimentos sobre a espiritualidade Kokama está desenvolvendo novos sentidos e novas formas de promover diálogos com seres não terrenos e, nesse sentido, a inserção do benzedeiro – um líder espiritual comum em territórios não indígenas (Silva, 2014) – é um traço de construção de sentidos sobre a espiritualidade em diálogo compulsório com as sociedades não indígenas.

Artigo recebido em: 06/04/2025  
Aprovado para publicação em: 07/10/2025

---

INDIGENOUS KNOWLEDGE IN THE AMAZONIAN CONTEXT: AN APPROACH AT THE INTERRELATION BETWEEN LINGUISTIC PRACTICES, KNOWLEDGE ABOUT MEDICINAL PLANTS AND DIALOGUES WITH KOKAMA SPIRITUAL BEINGS

**ABSTRACT:** In this paper, we propose a discussion regarding the features of knowledge produced by Kokama elders and which, through them, are passed on to subsequent generations. Regarding the methodological proposal, the basic research of this article has a qualitative approach, with a case study and inter views with three Kokama elders who are considered producers of knowledge, promoting inter relations between Kokama/Portuguese linguistic practices, with medicinal plants and with the spiritual beings with whom "pajés" and "benzedores" dialogue. Finally, the results of the study show the importance of the elders for the Kokama people, especially in what corresponds to the dialogue with colonized cultures, producing new meanings for Kokama cultural practices.

**KEYWORDS:** Kokama Elders; Knowledge; Spiritual Beings; Medicinal Plants

## EL CONOCIMIENTO INDÍGENA EN EL CONTEXTO AMAZÓNICO: UN ENFOQUE EN LA INTERRELACIÓN ENTRE PRÁCTICAS LINGÜÍSTICAS, CONOCIMIENTOS SOBRE PLANTAS MEDICINALES Y DIÁLOGOS CON SERES ESPIRITUALES KOKAMA

**RESUMEN:** En este artículo proponemos una discusión sobre las formas de conocimiento producidas por los ancianos Kokama y que, a través de ellos, se transmiten a las generaciones posteriores. En relación a la propuesta metodológica, la investigación básica de este artículo tiene un enfoque cualitativo, con estudio de caso y entrevistas con tres ancianos Kokama considerados productores de conocimiento, promoviendo interrelaciones entre las prácticas lingüísticas Kokama/portuguesas, con las plantas medicinales y con los seres espirituales con los que dialogan "pajés" y "benzedeiros". Finalmente, los resultados del trabajo resaltan la importancia de los ancianos para el pueblo Kokama, especialmente en términos de diálogo con las culturas colonizadas, produciendo nuevos significados para las prácticas culturales Kokama.

**PALAVRAS CLAVE:** Ancianos Kokama; Conocimiento; Seres espirituales; Plantas medicinales

---

### **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos às valiosas contribuições dos pareceristas *Ad hoc* à versão final deste artigo.

---

### **NOTAS**

- 1- Para Nego Bispo (2023), sociedades quilombolas, assim como as sociedades indígenas, foram e são invisibilizadas e subalternizadas a ponto de não terem sido incluídas em diferentes processos coloniais. A partir dessa afirmação de Bispo, consideramos que a escola não indígena, que é resultado de processos colonizatórios, excluiu diferentes povos de seus espaços, o que faz com que povos indígenas e comunidades quilombolas não fossem incluídos em espaços colonizados, conforme discutem Loureto; Souza; Pessoa (2020) ao fazerem um estudo sobre educação indígena com povos situados no estado do Acre.
- 2- Neste artigo, mesmo que não sejam feitas maiores considerações sobre as práticas pedagógicas Kokama, afirmarmos que os conhecimentos dos anciões são utilizados pelos professores indígenas para a produção de sentidos culturais nas escolas do povo em tela.
- 3- Na transcrição da entrevista, foram mantidas as características gramaticais da variedade do português falada pelo ancião.
- 4- São mantidas as formas como os anciões Kokama se referem a traços da categoria tempo e como constroem possibilidades de existências a partir do que entendem por passado, presente e futuro e suas nuances. Desse modo, não fizemos explanações teóricas sobre abordagens concernentes a essa categoria.
- 5- Usaremos a expressão "não humanos", embora entendamos as discussões sobre o uso do termo que têm relação com problematizações oriundas do questionamento da categoria "humano" entre os povos indígenas. Além disso, neste artigo, "não humanos" se intercambiam com as expressões "seres espirituais" e "seres encantados".
- 6- Consideramos que a benzedura é uma característica da inter-relação entre os Kokama e as práticas religiosas não indígenas com as quais esses indígenas desenvolveram diferentes tipos de diálogos. Além disso, em uma situação entre os Kokama em que as práticas ancestrais passaram

por modificações e desenvolveram novos significados, o benzedor se torna um elemento importante de conexão como seres espirituais e uma forma de resistir à massificação religiosa imposta pela colonização. Nesse sentido, concordamos com Silva (2014), no tocante à benzedura ser um ato político de sujeitos para inserção a grupos em que estão inseridos ou a grupos com quem desenvolve formas de interação ou deseja fazê-las. Desse modo, para Silva: "os benzeimentos manifestados, ritualizado se encenados pelos seus praticantes não são apenas representações de pessoas que se colocam de forma ingênuas e indefesas perante o seu público. Expressam justamente um contexto de significados e ligações do meio onde vivem, de suas influências e percepções numa tradição inventada e constituída como meio de vida e poder perante outros grupos da sociedade. Constituem ao mesmo tempo uma resistência cultural a concepções de religião e medicina impostas na sociedade ao longo dos séculos como verdadeiras e melhores, as quais não consideravam as peculiaridades, saberes e pensamentos da população." (Silva, 2014, p. 21).

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Edilene Machado; SHANENAWA, Eldo Carlos Gomes Barbosa; SOUZA, Shelton Lima. Matxu e Atsa: Produção de sentidos sobre alimentação Shanenawa na aldeia Morada Nova na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa. **Jamaxi**, v. 7, n. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/7669>. Acesso em: 5 abr. 2025.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. De Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. O papel da pesquisa sociolinguística em projetos de educação, vitalização de língua e cultura: relatos sociolinguísticos iniciais dos Avá- Canoeiro de Minaçu. **LIAMES**, p. 113-133, Primavera 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 2022.

COSTA, Lucas Vargas Machado; VARGAS, Vivian Gonçalves Louro; SOUZA, Shelton Lima. Textos escritos por surdos em mensagens no aplicativo Whatsapp: organização de sentidos e perspectivas de ensino de português escrito como segunda língua. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 7, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/74169>. Acesso em: 5 abr. 2025.

KAXINAWA, Joaquim Paulo de Lima; SOUZA, Shelton Lima de. Direitos linguístico-culturais. /n. ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Org.). Uwa'Kuru-**Dicionário analítico**, v.5. RioBranco: Nepan Editora; Edufac, 2020, p. 66-71. Disponível em: <https://www.ufac.br/edufac/livros/uwa2019kuru-dicionario-analitico-vol-5/livro.pdf/view>. Acesso em: 10 jul. 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã Yanomami. Trad. de Maria Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOURETO, Marcia Barroso; SOUZA, Shelton Lima de; PESSOA, Valda Inês Fontenele. Educação

LOPES, E., SILVA da L. H., SOUZA, S. L. de.

escolar na floresta: Dilemas e perspectivas de professores indígenas no I Seminário de Pesquisas da Escola Indígena na Aldeia Morada Nova/Feijó (Acre). **Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 1, n. 2, p. 119–142, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/9650>. Acesso em: 5 abr. 2025.

MAHER, Terezinha. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Maria C.; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

PESCA, Adriana Barbosa; FERNANDES, Alexandre Oliveira; KAYAPÓ, Edson. Por uma escrita indígena: eu ser, minha voz, minha autoria, **Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama**, v. 11, n. 1, p. 187-201, jan-/jun, 2020.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Diversidade Linguística na Amazônia, Revista de Trabalho publicado em SIMDAMAZÔNIA: **Anais do Simpósio Internacional sobre Meio Ambiente, Pobreza e Desenvolvimento da Amazônia**, Belém, PRODEPA, 1992.

SANTOS, Antônio Bispo (Nego Bispo). **O que é contracolonial e qual a diferença em relação ao pensamento decolonial**. Entrevista concedida a Marcelo Abud. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contra-colonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/>, 2023.

SHANENAWA, Eldo Carlos Gomes Barbosa. **"Os novos não falam a NukeTsây, querem ser não indígenas"**: usos linguísticos e possibilidades de (re)existências linguísticas do povo Shanenawa da Terra Indígena Katukina/Kaxinawa (Aldeia Morada Nova). 109f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2022.

SHANENAWA, Maria Abijicélia Brandão da Silva. **Saberes, trajetórias e práticas pedagógicas de professoras Shanenawa**. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2024.

SILVA, Juliani Borchardt da. **Benzimentos**: estudo sobre a prática em São Miguel das Missões-RS. 2014. 226 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

SOUZA, Shelton Lima de; SHANENAWA, Maria Abijicélia Brandão da Silva. As ancestralidades femininas Shanenawa: linguagens, identidades, espiritualidades e saberes como herança. **Revista de Letras Norte@mentos**. v.17, n.50, p.95, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/12634>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SOUZA, Shelton Lima de; Kaxinawá, Joaquim Paulo de Lima. (Re)existência linguística. In: ALBUQUERQUE, G. R.; PACHECO, A. S. **Uwa'kürü: dicionário analítico**. Vol. 4. Rio Branco: Nepan, 2019.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro; SOUZA, Shelton Lima de. O (des)pertencimento dos sujeitos surdos no ambiente escolar “ouvinte”: identidades, discursos de minorização e resistências. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 8, n. 2, p. 889–903, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/4018>. Acesso em: 5 abr.2025.

---

ELIZÂNGELA LOPES: Indígena Kokama - Licenciada em Educação para professores Indígenas do Alto Solimões - Amazonas, com ênfase em Antropologia, Filosofia e Sociologia pela Universidade do Estado do Amazonas (2006). Especialista em Educação, Saúde e Saberes tradicionais pela Universidade do Estado do Amazonas, polo Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-CESTB, Grupo de pesquisa: Educação e Diversidade na Amazônica-GPEDA/UEA. Professora - Secretaria Estadual de Educação e Desportos. Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre-UFAC. Linha de Pesquisa: Língua(gens) e Formação Docente (LFD): Aglutina estudos voltados para situações de contato entre línguas, linguagens e o ensino aprendizagem de Língua Materna (LM), Línguas Estrangeiras (LE) e Línguas Indígenas (LI) dos universos amazônicos e Pan-harmônicos. Enfoca ainda as pesquisas relacionadas à descrição, análise e documentação de línguas indígenas, assim como as práticas de leitura escrita e análise linguística e letramento em relação à formação e atuação docente e suas interfaces com a produção de materiais didáticos para a educação básica.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4241-6916>

E-mail: elizangela.lopes@sou.ufac.br

---

LUZANIRA HILÁRIO DA SILVA: Indígena Kokama - Professora da Rede municipal e Estadual do município de Benjamin Constant - AM. Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais - FICS; Especialista em Língua Portuguesa - Faculdade KURIOS; Graduação em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Federal do Amazonas (2010). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Mestra em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre-UFAC.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4917-6846>

E-mail: luzanira.silva@sou.ufac.br

---

SHELTON LIMA DE SOUZA: Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Professor de Linguística e Língua Portuguesa no Centro de Educação, Letras e Artes/CELA da Universidade Federal do Acre/UFAC, lecionando no curso de Letras Libras. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade/PPGLI/UFAC e do Programa de Pós-graduação Profissional em Letras/PROFLETROS.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4735-8531>

E-mail: helton.souza@ufac.br

LOPES, E., SILVA da L. H., SOUZA, S. L. de.

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto  
(*Open Archives Initiative - OAI*).